

Vamos comer Marcelo

TIAGO BARTOLOMEU COSTA 24/01/2014 - 09:14 (atualizado às 16:57 de 22/01/2014)



Dezoito anos depois, eis Ai, Ai, Ai, momento inaugural de um discurso que foi sempre mais do que uma coisa só. Amanhã, Marcelo Evelin está em Serralves

Passaram 18 anos e o que era um “acerto de contas com o passado” é, hoje, um diálogo com uma memória com um tempo que já não volta. Marcelo Evelin, o coreógrafo do “subúrbio do Brasil”, como ele próprio diz, regressa, mais velho, mais atento, mas também mais nostálgico e emocional, ao corpo que, dezoito anos antes, numa Holanda que lhe parecia o centro do mundo do qual ele queria fugir, ele expôs como se depusesse as armas no campo de batalha.

Ai,Ai,Ai, que amanhã, 25 Janeiro, se apresenta no Auditório de Serralves, em diálogo com a exposição de Cildo Meireles (que encerra no dia seguinte) “vem de um tempo que já não há mais”, diz o coreógrafo. Será a primeira visita do ano do coreógrafo. Em Setembro mostrará *De repente tudo fica preto de gente*, no Teatro Maria Matos e no Festival Materiais

Diversos, a peça que se seguiu a *Matadouro* (que o Maria Matos apresentou em 2011), criação de 2013 e a “promessa de uma experiência vertiginosa, quase xamanista, às vezes perigosa, outras vezes electiva”, como escreveu Sylvia Botella na revista *Mouvement*.

Entre uma e outra peça – e antes de *Batucada*, que prepara para estrear em Maio em Bruxelas, uma enorme parada que traça as memórias distintas dos que constroem comunidades comuns – está o desafiante percurso de um homem que, aos 51 anos, o que o move, aquilo que é a sua dança, o seu trabalho, “é reafirmar e juntar o corpo que cria e que interpreta”. Um só corpo para um discurso que foi crescendo até se tornar, ele próprio, numa história.

O problema – ou “o desafio”, como lhe chama – está na memória e na relação emocional com um trabalho que é também um bocado de vida arrancado ao seu contexto, a meio caminho entre o Piauí, de onde é originário, e para o qual regressou em 2006, Amesterdão, onde se inscreveu no processo de transformação social e político que as artes performativas protagonizaram no início da década de 1990, e Nova Iorque, para onde fugiu, acossado de amor, ansioso por se descobrir outra vez, fazendo a única coisa que, até então, lhe parecia confortável: deitar abaixo tudo o que lhe parecia estabilidade.

Trazer a cidade para o teatro

O que nos mostra, dezoito anos depois, é mais do que um solo. É uma ars poética de um homem que aos 18 anos foi do Brasil da censura para a Europa onde sopravam ventos de liberdade. A viagem da vida de um homem que, ainda hoje acredita que, se como escreveu Pier Paolo Pasolini, o corpo se lança no meio da batalha, a primeira guerra a vencer é a da própria identidade. *Ai, Ai, Ai*, nesse “acerto de contas com o passado”, é também a experiência de reinício. Marcelo recorda como passava horas em estúdio sem saber o que fazer. Nova Iorque, para onde tinha fugido, era, ao contrário da Amesterdão onde tudo parecia possível (“fazíamos uns trabalhos, tinha as mesmas pessoas com quem criar, havia um circuito”), uma “cidade fria, onde não conhecia ninguém”. “Ficava horas em estúdio”, repete. E foi então que a cidade começou a entrar dentro do seu trabalho.

É preciso dar um passo atrás para perceber de que modo a cidade, ou a

ideia de cidade, o foi convencendo. No início dos anos 1990 Marcelo já tinha passado por Wuppertal onde esteve nove meses nos estúdios da alemã Pina Bausch à espera de uma oportunidade que nunca aconteceria. Os seus primeiros trabalhos transpiravam o que aprendera durante o tempo de criação de *Palermo, Palermo*, a coreografia que inauguraria o percurso peripatético de Bausch por várias cidades do mundo. O que Marcelo aprendera estava, afinal, muito mais próximo do que aquilo que deixara no Brasil e lhe faltava na Holanda. Um movimento que se sujasse, que se implicasse, que trouxesse a cidade para o interior do teatro, que usava a terra, a água, as vozes, os sons, as músicas, as roupas e os corpos dos que não entravam dentro de um teatro porque se achavam menores, diminuídos, “sem língua”, para entenderem o que era isso dos “limites físicos e emocionais do corpo”.

Quando hoje olha para os diferentes adereços que vai usando, aquilo a que ele chama “os fios invisíveis com os quais o espectador vai cosendo o espectáculo”, lembra-se que foram as *drag queens* que o ensinaram a correr em cima de saltos altos. É só um detalhe, mas serve para explicar como, com o passar dos anos, o corpo que Marcelo Evelin foi explorando, usando, batendo, expondo, insistindo, foi abandonando a sua plastificação, o lado simbólico e materialista, para encontrar um uso que é um abandono às suas próprias vontades. “Para mim foi o começo de um entendimento mais profundo do que é criar a partir do próprio corpo, no desdobramento de si mesmo, que não precisa ficar na questão da identidade, do indivíduo, e que através de um processo de juntar os pedaços, vai constituindo um território. Dei-me conta do tempo das coisas e de como as coisas se podiam instalar”. Deu-se conta de que é o corpo que faz o tempo e não o espaço que o determina. “Aprendi que é esse quase-tempo que desafia uma narrativa”.

Hoje, as peças de Evelin reclamam uma presença que é também do espectador, que activa, através da sua resistência, um diálogo com aquele corpo do bailarino, que já não é um diálogo sobre qualquer outra coisa qualquer que não se vê. É um diálogo sobre o que estamos a ver. É muito comovente perceber esta espécie de desfasamento entre a imagem e o discurso numa peça que fala de identidade, obviamente, mas vai muito para além disso. É um movimento, e um corpo, que pergunta de que identidade estão os adereços, as músicas, os vídeos, a falar. É um jogo de espelhos entre o intérprete e o movimento que é também um jogo de espelhos entre o intérprete e o espectador. Dir-se-á que é sempre assim num solo mas para Marcelo Evelin sobrepõem-se aqui “o movimento e uma ideia de representação, onde o corpo trespassa a linha da

representação do próprio movimento”. “Hoje, no meu trabalho, o corpo, enquanto percurso, evoluiu muito mais. Há uma *décalage* entre presença e corpo, e movimento, representação e significação, que é também uma *décalage* entre o tempo que passou e este tempo onde a peça está a ser mostrada”, explica.

Esse tempo é hoje, e ao mesmo tempo, o tempo da narrativa (ou seja: o tempo comum entre intérprete e espectador), o da sequência coreográfica (ou seja: o do intérprete em palco e em diálogo com a memória do que já tinha feito e a expectativa do que se ia seguir) e o tempo da acção (ou seja: o da imagem que estava a ser criada em palco, irrepetível e singular). Há 18 anos estes diferentes tempos – sensoriais, narrativos, dramaturgicos – eram o “tempo de testar a memória e deixar o corpo passar por entre os diferentes processos até se instalar”. Essa instalação era, afinal, “o tempo de apropriação da identidade”. E essa identidade era, afinal, a constituição de um discurso: “O que era o corpo estrangeiro? Era a primeira vez que pensava numa identidade deslocalizada, estrangeira. Era a primeira vez que sentia necessidade de voltar às memórias da infância, ao chorinho brasileiro, ao bambolê que dançava nas ruas, às figuras que povoavam a minha adolescência”.

Marcelo diz que *Ai, Ai, Ai* é de tal modo “uma peça umbilical, que sai de um lugar [o palco] que transcende a ideia da estrutura, dos objectos, das escolhas de roupa e música”. “Ela existe de um tempo lá de trás, para um tempo que é o de agora, criando um confronto com o que ainda posso fazer com o meu corpo. O que significa e o que significou este movimento? Hoje entendo toda a estrutura de outra maneira, mas mantenho-a, justamente, para me confrontar. O que mais me atrai neste regresso é saber o que é que acontece com o corpo ao fazer e refazer. Como é que o corpo se justifica?”

As peças que hoje assina podem ter perdido “um carácter precioso, um refinamento estético, mas continuam cheias de detalhes”, diz. Hoje é tudo muito mais “cara-de-pau”. Ninguém diria que não era já isso que acontecia quando se olha para aquele corpo que se entrega a uma dança tão crua, tão exposta, tão sincera e tão comovente.